

INTEGRA

FH fala sobre a nova política para a Amazônia

O presidente Fernando Henrique Cardoso falou ontem sobre nova política para a Amazônia. Veja integra:

Apraz-me estar aqui hoje — aliás uma data muito significativa o 14 de julho presidindo essa reunião da Conamaz. Este órgão, em si mesmo, já mostra a importância que o Governo da República, não o meu, mas em geral, desde o Governo anterior já tínhamos essa organização, atribuí à questão da Região Amazônica. Esse tipo de Conselho que nós estamos reunindo aqui hoje é uma peculiaridade na nova organização política-administrativa brasileira, por que é a única região do Brasil onde há formalmente um mecanismo de entrelaçamento do governo federal com os governos estaduais e com os vários níveis de administração. E isso é muito importante.

Isso é muito importante por que mostra, em primeiro lugar, que a Amazônia continua sendo um objetivo nacional, uma preocupação nacional, preocupação não sentido negativo da palavra, mas positivo. Quer dizer: queremos realmente recuperar a Amazônia de uma maneira consequente e mostrar que isso é um esforço feito apenas com o espírito da regionalização, mas, ao contrário, é o próprio país que pensa assim. Não são os amazonidas que estão pressionando, ou aqueles do Governo Federal que por suas atribuições específicas, cuidam da Amazônia, mas é o Brasil que está entendendo que a Amazônia é parte integrante e fundamental dele. Então tem um sentido simbólico muito significativo, a existência desse tipo de órgão.

É também me aprez dizer que eu tenho acompanhado os esforços havidos na questão da integração crescente dos vários programas que existem na Amazônia. Os senhores sabem que uma das primeiras visitas que eu fiz no governo, foi à Região Amazônica e foi de propósito que eu fui lá, e não terá sido a última, pois espero voltar muitas vezes. E sabem também que nós estamos crescentemente elaborando mecanismos de racionalização das decisões e de integração dos vários programas isso não vem em detrimento de algumas atividades específicas do governo e do país com a Região Amazônica, nós autorizamos alguns programas, mesmo independentemente, de nós termos uma visão mais compreensiva, mais global da questão, e sabem todos que é uma preocupação, até pessoal minha, a de nós estarmos sinalizando que com a relação a Amazônia nós temos uma preocupação muito forte.

Alada agora, recentemente, eu tive a honra de

estar acompanhado pelos governadores do Amazonas e de Roraima e por alguns ministros, alguns aqui presentes, como o general Zenildo, e o ministro da Amazônia, na viagem a Caracas, na Venezuela. A atenção crescente para com a região norte do Brasil era clara e o ministro das Minas e Energia lá esteve também, por que há alguns problemas da matriz energética que facilita, que requerem mesmo essa integração. Não só da matriz energética, mas também da questão das telecomunicações, o ministro Mota também nos acompanhou. Ficou bastante visível para todos que nós teremos muito a ganhar se nós efetivamente dermos a atenção devida a essas formas de integração.

E me aprez também reiterar que a Petrobrás e a PDV, que é a companhia petrolífera da Venezuela, fizeram um entendimento para que fosse lançada a Petroamérica, que será uma enorme companhia, por que vai juntar duas grandes companhias da região da América do Sul e que tem como propósito uma atividade global. Não se trata simplesmente de trazer a companhia venezuelana para operar no Brasil e vice-versa, mas é para as duas companhias estarem operando em nível mundial, em nível global.

O Brasil tem experiências importantes na área da Petrobrás, sobretudo na questão de tecnologias em águas profundas, e muitos outros avanços que foram conseguidos pela Petrobrás e a Venezuela não tem talvez a mesma experiência, até mesmo nos acordos internacionais que a Petrobrás dispõe hoje. Mas a Venezuela tem reservas petrolíferas imponentes e tem uma competência muito grande também na exploração dessas reservas em terra e no ar, embora não em águas profundas. E houve essa junção. Pois bem, lá nós podemos conversar a respeito da utilização da energia do Gury, na Venezuela, para trazer até Boa Vista e Manaus. Isso não em detrimento da utilização das reservas de gás que nós temos lá no Uruguai e no Juruá, porque nós também teremos empenho em utilizar essas reservas, até por que a Região Amazônica é um continente e o fato de trazer uma linha de transmissão da Venezuela até Manaus não resolve o problema do Pará, não resolve problemas de outras regiões.

Na visita que fiz ao Amazonas, autorizamos a expansão da refinaria de Manaus e autorizamos também aumentar a capacidade de tancaçgem de outras áreas da Região Amazônica, o que me aprez muito. Também é realmente muito importante para o Brasil a questão da utilização da hidrovia por Araguaia-Tocantins. Nós precisamos

de muitas hidrovias e hidrovia é barato. Não tem nenhum ministro da área econômica aqui mais rabugento. Hidrovia é barato, quer dizer, dá para realmente encarar com o sentido de realidade a construção dessas hidrovias.

Enfim, há um enorme esforço que está sendo feito já na Amazônia, que não depende só do governo federal, até por que se nós imaginarmos que o governo federal vai suprir tudo que é necessidade do Brasil, o Brasil não terá condições de sair muito das suas dificuldades. Depende de uma integração de esforços, eu acho que é esse o grande sentido dessa reunião aqui. E de integração de esforços, e até quanto eu estou informado e eu terei prazer de ouvir a exposição mais detalhada que será feita pelo Seixas Lourenço a respeito de a quantas andamos, sob a coordenação, naturalmente, do ministro Krause, nesta questão de integração desses programas. Até quanto eu estou informado, está avançando bastante, com os secretários de Estado, com as empresas federais que lá operam, e via integração dos vários ministérios, sempre com a preocupação de uma visão global que tem, tanto Ministério da Amazônia, quanto a SAE, a Secretaria de Assuntos Estratégicos, não é isso?

E sempre com a preocupação de que não se trata simplesmente de uma visão, digamos assim, de aumento de vantagens econômicas. É mais do que isso, é de integração e essa integração implica a questão humana, a questão social, a questão de como é que estão vivendo essas populações. Eu vi diretamente as populações ribeirinhas na Amazônia, tive oportunidade de subir o Rio Amazonas com a Marinha Brasileira, vi o atendimento que lá se está dando, as dificuldades que lá existem. Sei, não diretamente, mas minha mulher esteve no Acre e foi lá para Xapuri, para ver diretamente a situação dos seringueiros. Sei da situação das estradas, a dificuldade dos aeroportos.

Enfim, não se trata de uma coisa retórica pois tenho sentido a presença ativa da bancada amazônica. De vez em quando chega algum assessor e me assusta: "Olha aqui, vem a bancada amazônica, vão fazer isso, vão fazer aquilo, vão votar, não vão votar". Não vai acontecer nada disso, eles vêm conversar. Vem conversar para discutir quais são os problemas. Um outro fica mais entusiasmado, e temos que dizer o que pode ou não pode. Depois a gente com bom senso vai trazendo para o caudal daquilo que é necessário para o bem da Amazônia.

Há muitas obras que, às vezes, não tem esse aspecto tão imponente quanto trazer uma linha de transmissão ou fazer a BR-174. Graças a boa

vontade do governador Amazonino Mendes e a compreensão das Forças Armadas, estamos passando a obra para a responsabilidade do governo da Amazônia. Isso não quer dizer que o cofres da União estejam preservados, pois num dado momento vamos ter que entrar em conversas mais diretas. É claro que a 174 tem um valor enorme para Roraima, tem para a Amazonas. Há também os problemas da Transamazônica e eu já vou falar um pouquinho do Pará para não parecer que eu estou esquecendo do meu amigo Almir Gabriel. Tudo isso tem impacto, mas o que conta mesmo é como que vive o povo, e vive mal. Há problemas de empregos, eu sei que a Zona Franca nesse momento tem um certo desenvolvimento que nos agrada por que dá emprego, mas não é suficiente, em os seus problemas também.

E aí eu vejo com muito entusiasmo as experiências que eu sei que estão sendo feitas em Rondônia, que estão sendo feitas no Amapá, de coisas muito diretas e com a população. Mecanismos de atendimento, da costureira que quer comprar uma máquina de costurar, que precisa de algum dinheiro e não tem onde buscar, precisa haver aí um mecanismo de ação mais social direta. Problemas tremendo de habitação, de esgoto que falta em quase toda parte.

Enfim, é um mundo de problemas, mas esse mundo de problemas não se resolverá senão pela nossa ação coordenada. Sem cor partidária, mas com cor nacional e cor popular, olhando realmente quais são os problemas e tentando resolver essas questões olhando o orçamento, por que não adianta não olhar o orçamento. Mas não pode ser desculpa o orçamento. Tem que olhar o orçamento e ver quais são as questões e ver como é que nós vamos realizando essas questões, e não nos esquecendo também de que na Região Amazônica há interesses nacionais. A presença das Forças Armadas não é uma presença só das Forças Armadas, é do Brasil, é do governo, é do povo. E assim tem que se vista.

Está longe o tempo em que se imaginava: "Ah, eu vou fazer não sei o quê...". Não, vamos ter uma ação de presença que é muito importante, muito importante até para assegurar a lei, para assegurar que haja o atendimento à população mais pobre. E para que, evidentemente, nós não tenhamos nenhum problema de fronteira nessa região, isso é uma coisa extraordinária.

Ainda agora lá na Venezuela estávamos assistindo aquela parada que nos entusiasmou — muito hinos. Pois bem, mas a parada não tem nada contra o Brasil, pelo contrário, as Forças Ar-

madas Venezuelanas toda hora faziam manifestação de respeito ao Brasil. Bandeiras brasileiras na mão do povo, sem animosidade, nem na Colômbia, nem na Venezuela, em nenhum lugar. A presença das Forças Armadas não é por causa dos nossos vizinhos, é por nossa causa. É primeiro para dizer que isso aqui faz parte nossa, do território nacional e vai ser sempre assim. Mas, por outro lado, é para dizer também que nós temos meios de alcançar aquelas regiões longínquas e, às vezes, só chega lá usando a Aeronáutica e o helicóptero. Alguns tem medo. Nós pegamos um nevoeiro, até o governador tremeu. Mas a verdade é que só se chegar lá se tiver isso, se não tiver navio da Marinha que vai lá, que sobe o Rio Solimões e não sei o que, e atende a população ribeirinha de dois em dois meses, de três em três meses, não tem quem atenda, por que não tem outro meio de chegar lá. Então, precisamos de ação combinada aqui também, que é muito importante para que nós nos entendamos.

Bem esse eu acho que é o espírito do nosso encontro, é um espírito construtivo, é um espírito de integração, é um espírito que abrange desde a parte econômica até a parte social e a parte cultural. O ministro — voltou entusiasmado, acho que foi de Parintins, em Rondônia também. Parintins e Rondônia, onde ele viu manifestações de folclore, pelo que me contou, de grande vitalidade. Eu uma vez vi em Itaquatiara uma coisa também que eu nunca mais esqueci que é outro tipo de manifestação cultural, era uma espécie de happening, de música pop. O maior que se faz é lá em Itaquatiara, uma coisa impressionante.

Quer dizer, vai do folclore à música pop no meio da Amazônia com os grupos funks, com não sei o que mais, o heavy metal. Enfim, isso é o Brasil, que é uma coisa de uma força extraordinária, uma força extraordinária que um governo sensível às realidades sociais, econômicas, políticas e culturais tem que estar presente nisso tudo, e tem que estar realmente tratando de dar vazão à potencialidade que existe neste país.

Eu sei que há algumas dificuldades tópicas muito sérias, muito preocupantes, que às vezes a gente não tem condições de fazer frente a elas de forma direta. Ainda ontem reunido com alguns ministros e com o ministro dos Transportes estava vendo: olha, agora vai chover, daqui a pouco chove, se não tiver recurso não faz estrada.

Eu vou pedir, aproveitar a oportunidade para pedir apoio aos governadores e aos parlamentares, por que nós vamos enviar agora as primeiras semanas de agosto algum recurso específico para

a conservação de estradas da Amazônia. Para agora, tem ser já.

E como eu não tenho mecanismos de medida provisória, por que para esse fim não se pode usar a medida provisória, teria que decretar calamidade pública o que força um pouco o conceito de calamidade, por que não é. É uma calamidade permanente e sazonal. Então nós vamos precisar pedir que o Congresso seja sensível e o Congresso será, e que dê alguns recursos. Cerca de R\$ 30 milhões, algo assim, para poder fazer face às dificuldades emergenciais. E vamos pedir também, aí não é só para a Amazônia, é para a Região Norte e para as outras regiões também, num plano que o ministro apresentou e que eu aprovei ontem e o ministro do Planejamento está providenciando os mecanismos, vamos pedir também alguns recursos para algumas estradas, por que elas são necessárias e precisam começar já, como cada vez que eu olho para o governador Almir Gabriel, me lembro a Santarém-Cuiabá. Não é isso que é compromisso aí. O governador... não precisa por que ele já começou a fazer. O Estado é rico, ele está fazendo, 30 quilômetros, já está começando a fazer, depois a gente também chega lá.

Mas algum recurso nós vamos precisar para ainda este ano, por que é para dar sinal sensível de que está bem. Tem muitos problemas, não tem dinheiro. No ano que vem vai ser um pouco mais coordenado, pelo que nós estamos fazendo aqui, mas a população precisa sentir alguma coisa de concreta. Então eu acho que nós atendemos em conjunto, e espero que possamos atuar, nós vamos ter condição de obter esse recurso e já ter algum mecanismo neste ano. Podemos potencializar sua utilização, através da utilização dos batallhões ferroviários, batallhões de engenharia, o que facilita as coisas. Há muitas obras para as quais já há licitação. Eu acho que entre esses dois projetos, dá uns 80 e poucos milhões de mais, e com isso é possível, antes da chuva, fazer alguma coisa nessa região.

Enfim, perdoem se eu falei demasiado sobre o que não estava previsto, mas todo mundo sabe que quando se trata da Região Amazônica, eu me entusiasmou, por que eu acho que é realmente alguma coisa que o Brasil tenha um patrimônio tão formidável que nós precisamos com que esse patrimônio seja sentido por cada brasileiro, como patrimônio próprio.

Dito isso eu passaria a coordenação dos trabalhos ao ministro Krause e se o ministro me permitir, eu gostaria de assistir a primeira parte da exposição.